

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܗ

SÃO PAULO - AGOSTO/2016

NESTA EDIÇÃO:

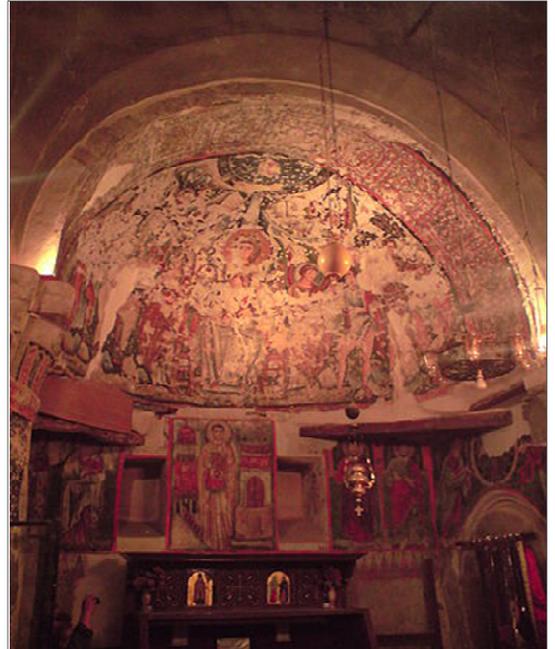
ORAÇÃO INICIAL	1
INFLUÊNCIA DA IGREJA SIRÍACA	2
RITUALÍSTICA - A ORAÇÃO	4 6
CULTURA ORIENTAL	7
OS SIRÍACOS - SÉCULO XX	11
NOTÍCIAS	16
FESTIVIDADES DO 5º BIMESTRE	18
TEXTOS EM ARAMAICO	19 a 23

ORAÇÃO INICIAL

*A Ti Nosso Senhor Deus ofertamos
(lokhu morio mēqarbinan)*

A Ti, Nosso Senhor Deus, ofertamos
O aroma do incenso
E de Teu tesouro pedimos
Clemência e compaixão;
Pois és agradável
E Te aprazes com os arrependidos!
Não temos outra esperança e suporte
A não ser Tu,
Senhor Deus!
De Ti imploramos,
Em paixão e com lágrimas,
Com amor e com fé:
Aceita, ó Bondoso, nossa oferenda
E responde com Tua misericórdia
Nossas súplicas!

*(Livro das orações da Semana Comum
da Igreja Siríaca de Antioquia – oração
da madrugada da quarta-feira).*



Altar da Igreja do Mosteiro da Virgem Maria Mãe de Deus (Deipara) - Vale de Natrun - Egito - século VIII d.C.

ܡܕܒܚܣܐ ܕܚܒܠܐ ܕܘܨܒܐ ܕܚܠܐ ܕܠܐ ܡܢܡܪ
ܚܒܠܐ ܕܠܐܗܐ. ܚܣܠܐ ܕܒܠܝܗܐ ܕܚܡܘܘܦܐ -
ܡܚ ܕܘܠܐ ܕܡܐܪ

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout - Camila Sowmy
Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

IGREJA SIRÍACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Contatos: igrejasirian@gmail.com,
telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

INFLUÊNCIA DA IGREJA SIRÍACA – III

O estudo de história elementar falseia a verdadeira história.

É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os mass media, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado?

Deve estabelecer-se uma primeira distinção entre objetividade e imparcialidade:

"A imparcialidade é deliberada, a objetividade inconsciente. O historiador não tem o direito de prosseguir uma demonstração, de defender uma causa, seja ela qual for, a despeito dos testemunhos. Deve estabelecer e evidenciar a verdade ou o que julga ser a verdade. Mas é lhe impossível ser objetivo, abstrair das suas concepções de homem, nomeadamente quando se trata de avaliar a importância dos fatos e as suas relações causais" [in: História e Memória - Jaques Le Goff].

Após o Espírito Santo descer sobre cada um dos discípulos de Jesus Cristo, durante a festa de Pentecostes e estes, pelo poder do Espírito Santo começaram a falar em línguas diversas do aramaico, que era a única língua que eles conheciam (v. Atos dos Apóstolos, capítulo 2), passaram então a pregar a Esperança que Cristo deixara: a Salvação de toda a humanidade, através da Sua morte e ressurreição. Cada um deles dirigiu-se a uma parte do mundo para realizar essa pregação. Assim, São Tomé fora à Mesopotâmia e de lá dirigiu-se ainda mais a Oriente, chegando até a Índia. Após alguns anos, S. Bartolomeu também fez esse caminho e reforçou a situação na Índia. Daí por diante, os pregadores, sacerdotes e diáconos assírios da Mesopotâmia, sob a orientação da Igreja de Antioquia foram seguindo essa mesma rota e arregimentando cada vez mais seguidores do cristianismo até que por fim, havia uma Igreja na Índia. Essa Igreja Indiana, no final do primeiro século e início do segundo século do cristianismo já estava bem alicerçada na Índia e de lá já saíram outros pregadores para os países mais a oriente da Índia, atingindo a China e até o Japão.

Consta, todavia que o “engrossamento” da Igreja Cristã na China e no Japão, veio através de outro povo e caminho; os coordenadores, esses sim eram da Igreja de Antioquia, eram os sacerdotes e diáconos que Antioquia enviava porém a grande massa era de outro povo. Esse povo junto com os nativos da China e do Japão formaram grandes Igrejas entre o segundo e quarto séculos do cristianismo e assim, a Igreja de Antioquia influenciou a cultura desses países.

Qualquer um pode fazer uma pesquisa na Rede Mundial (Internet) sobre o budismo na China e Japão ou sobre o xintoísmo no Japão. Convidamos então o leitor de Suryoye que pesquise o sítio de budismo: www.onmarkproductions.com/html/shotoku-taishi.html. Procure agora pela palavra “Syria” (provavelmente, precisará acionar o comando “procure” (find) do Google que é <Ctrl> <f>). Encontrará então 5 referências, não todas ao termo “Syria” mas principalmente a “Assyria” (3 delas) e uma a “Siríaco / Aramaico”.

Observemos que os pregadores de língua siríaca, ou seja os habitantes da província Romana da Síria tal como os **assírios** (*Tur Abdin, Tur Nínue, Beth Nahrin* – Mesopotâmia em geral), os **fenícios** (*Tur Lebnon, uhdon kana'an* – Montanha do Líbano e demais regiões de Canaã ou seja, Síria), os **galileus** (*Gëlilo dê'ame* – Galiléia dos gentios) etc todos eles convertidos ao cristianismo, a partir do paganismo assírio e suas influências, exerceram, por sua vez, uma influência muito grande sobre as culturas da Índia, China e Japão; influência essa nunca estudada ou se quer mencionada nas escolas de todos os níveis no Continente Americano, desde o extremo norte do Alasca até o extremo sul da ilha de Tierra del Fuego (incluindo aí o Brasil, é claro).

Por que exatamente acontece isso? Alguns professores de história no Brasil, já nos deram diversas respostas, todas parcialmente plausíveis:

- Como a colonização do Continente Americano foi fruto da vinda dos europeus, esses nada sabiam a respeito dessa influência no oriente.
- A Igreja Católica Apostólica Romana (conhecida como “Igreja Católica”) não queria que o povo do Novo Continente soubesse da existência de outros povos cristãos anteriores para não “abalar a fé” do povo aqui no Novo Continente.
- As “dissidências” da Igreja Romana, tal como a Luterana, Anglicana, Calvinista e suas ramifica-

INFLUÊNCIA DA IGREJA SIRÍACA – III (CONT.)

ções posteriores também não queriam que seus adeptos e seguidores soubessem da existência de outros cristãos mais antigos que eles para se concentrarem apenas nos ensinamentos dos mestres e prelados da “Igreja Católica”, como únicos ensinamentos verdadeiramente cristãos.

- d) Interesses econômicos em jogo. Espanha e Portugal, campeões da “Igreja Católica”, reinavam livremente nos mares, combatidos apenas pelos mouros (islâmicos). Despontavam contudo os ingleses e holandeses, como campeões das “Igrejas Dissidentes” que se uniram para formar as “Companhia das Índias Orientais” e “Companhia das Índias Ocidentais” as quais financiariam a guerra contra os espanhóis e portugueses e tomariam seu lugar na Índia e na América (no Brasil, temos Nassau com a invasão holandesa que perduraria 24 anos e nos Estados Unidos da América do Norte temos Stuveysant com a compra da ilha de Manhattan - Nova Iorque).

Qualquer que fosse a causa, ainda assim, o fato é que os evangelizadores da “Igreja Siríaca” pregaram a filosofia de vida cristã por toda a Ásia Central e Oriental chegando até o Japão

Consta que o Budismo surgira na Índia por volta do século V a.C. e de lá se alastrara para o leste da Índia. Por volta do século V d.C., uma tribo da Ásia central, a tribo Hata que fazia a Rota da Seda, levou um “budismo diferente” ao Japão. Esse “budismo diferente” acreditava em “Keikio”.

Hata, segundo os entendidos em escrita japonesa, tem o mesmo ideograma que “povo estrangeiro que se tornou nacional” assim, Hata pode não ter sido um único povo mas diversos clãs,

diversas famílias de diversos povos que foram migrando pela Rota da Seda e ao chegarem ao ponto final dessa Rota da Seda, que seria o Japão, lá se estabeleceram e se “niponizaram”.

Essas famílias ou tribos firmaram a fé cristã pelo Japão, aparentemente, antes de tudo em Kyoto, uma metrópole cosmopolita desde antes de Cristo.

Existe toda uma miscelânea de lendas em torno do príncipe Shotoku com influências visíveis de cristianismo oriental, isto é, da Igreja Siríaca, afinal, os Hata chegavam até a Mesopotâmia e lá negociavam suas mercadorias, em especial tecidos de seda, com outros mercadores que as levariam até os portos do Mediterrâneo para serem distribuídos pela Europa. Esses Hata, em parte, haviam se convertido ao cristianismo da Mesopotâmia que era o da Igreja Siríaca.

Um livro: “Lost Identity”, põe em evidência a crença dos Hata numa entidade chamada de “Uzumasa” e mostra claramente como “Uzumasa” nada mais é do que a transformação lingüística de “*iexu mēxiho*” que é Jesus Cristo em idioma aramaico.

A partir das pregações de S. Tomé (*mor Tuma*, em aramaico) na Índia, fundou-se uma Igreja lá que se referenciava, a partir de 70 d.C., à Cátedra de Antioquia. Foi dessa Igreja da Índia que saíram pregadores e fundaram Igrejas na China e depois no Japão. Os povos Hata que perambulavam entre Mesopotâmia e Japão reforçavam essa situação. Eles levavam consigo a religião cristã oriental.

Quando o padre espanhol, santificado pela Igreja Romana, S. Francisco Xavier, “cristianizou” a Índia, no século XVI, lá encontrou a Igreja Siríaca que era cristã e que se espalhara pelo extremo oriente porém, por perseguições religiosas desaparecera do Japão, deixando, no entanto, marcas significativas culturais.

Referências:

<http://www.onmarkproductions.com/LostIdentity.pdf>

<http://www.onmarkproductions.com/html/shotoku-taishi.html>

<http://www.onmarkproductions.com/html/hata-lost-identity-shotoku-controversy-undone.html>

Todos esses 3 acessos foram realizados em 15 de julho de 2016.

Le Goff, Jaques - *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Editora da UNICAMP. Campinas, SP. 1990.

RITUALÍSTICA – Um Problema de Calendário

É fato conhecido que a nossa Igreja, a Igreja de Antioquia, continua usando o calendário juliano e não o calendário gregoriano que o ocidente adotou no século XVI. Aquele, fora baseado em calendários anteriores dos babilônios, persas, gregos, romanos e por fim, Júlio Cesar, imperador de Roma, modificou-o por uma série de razões. Havia, no entanto, um problema; como o número de dias do mês, com base no ciclo lunar é diferente do número de dias do ciclo solar, a cada ano havia que se fazer uma compensação de quase um mês e após um número de anos, isso podia representar muito tempo. O que nossos pais e sacerdotes orientais faziam era tomar por base o solstício de primavera e iniciar a contagem do ano assim, o dia 1º do ano não “caia” em janeiro mas no início da primavera que geralmente iniciava em março / abril. Por isso, um dos mais eminentes sábios da Igreja de Antioquia, Gregorios Yuhanon Bar Ebroio conhecido no ocidente como Bar Hebraeus (viveu no século XIII), escreveu entre seus poemas, um dedicado à primavera que inicia por: “eis que é chegado nisson e aos angustiados consola e alivia” (v. *Suryoye* nr. 60 onde pode ser lido o poema em aramaico e sua tradução ao português).

Também, é fato conhecido que até hoje, em aramaico, o idioma que Jesus Cristo falou durante sua vida terrena e é o idioma da Igreja de Antioquia, os nomes dos meses foram tomados do antigo idioma da Mesopotâmia que era também falado, com modificação regional, em Síria e Fenícia qual seja o assírio. Assim, somente a título de exemplo, fevereiro /março se chama **adar** (em aramaico moderno: *odor*) que provém do assírio: *addaru*; março / abril é **nissan** (em aramaico moderno: *nisson*) que provém do assírio: *nissan*; maio /junho chama-se **heziran** (em aramaico moderno: *heziron*), junho / julho chama-se **tamuz** (em aramaico moderno: *tamuz*) que provém do assírio: *tamuz*. Aqueles que falam o idioma oficial dos países citados, o árabe (esses países foram obrigados a falar esse idioma oficial para facilitar a vida dos colonizadores ingleses e franceses), logo percebem que são exatamente os mesmos nomes que se dão aos meses, porém dentro da classificação moderna, já influenciada pela colonização inglesa e francesa no Oriente Médio (1918-1948); assim por exemplo, “*adar*” não mais refere-se a fevereiro /março mas tão somente a março com início em 1º de março e término em 31 de março; “*nissan*” é somente abril (1º a 30 de abril) etc.

Ocorre que entre todos esses meses, aparece o nome de **konun** (no idioma árabe desses locais é: *kanun*) que é utilizado para dezembro e também o mês subsequente, janeiro. Para distinguir um mês do outro, temos, em aramaico **konun qadmoio** (em árabe: *kanun aláual*) e **konun traiono** (em árabe: *kanun atháni*) ou seja, o “primeiro konun” (dezembro) e o “segundo konun” (janeiro), respectivamente. A discrepância está em que a palavra **konun**, em árabe, significa “lei” (provém do grego e latim: *canon / cânone*), contudo, em assírio e aramaico, significa “fornalha, forno, estufa, braseiro, cozimento” e quem viveu no Oriente Médio ou até mesmo quem conhece geografia sabe que dezembro é o mês em que inicia o inverno no hemisfério norte e, em especial, janeiro é o auge do inverno portanto, não pode ser quente, então, por que “fornalha, forno, braseiro, estufa, cozimento” se o mês é de frio? Eis um paradoxo.

Para conseguirmos entender os nomes dos meses, temos que prestar atenção à razão do por que desses nomes e não seguirmos cegamente o significado dos nomes. Se estudarmos o calendário dos assírios veremos que havia festividades significativas nesses meses. Assim, em **heziron**, havia uma cerimônia que lembrava a morte do pastor Tamuz pelo javali, ou seja, pelo porco selvagem. O porco selvagem fora o vencedor de uma luta traiçoeira e a palavra *heziron* significa exatamente “porco”. Um mês depois, celebrava-se a descida da deusa Íxtar entre os mortos à busca de seu amado Tamuz e a ressurreição de Tamuz para o meio dos vivos e isso ocorria no mês de **tamuz**. Vamos dar um salto até **konun**.

Quem nos dá uma pista que pode explicar o dilema de **konun** é o professor de assiriologia, Simo Parpola, da Universidade de Helsinki. Em seu livro “**Letters from Assyrian Scholars to Kings Essarhaddon and Assurbanipal**”, no volume II, num comentário da página 326, Parpola escreve:

ka-nu-ni: um (grande) braseiro de metal ou fornalha... usado em templos para a queima de oferendas de animais (*maq(a)lutu*...).....

“Os dias de *kanunu*”: provavelmente referiam-se a um festival recorrente ciclicamente no qual o cozimento

RITUALÍSTICA - Um Problema de Calendário (Cont.)

e queima no braseiro desempenhava um papel importante; conforme UD^{MES}-te sa dul-li “dias do ritual” referindo-se ao ritual da purificação (rimku) do deus Assur. Sabemos que na Babilônia, tais festivais eram celebrados em cada um dos três meses frios (e escuros) de Arahamna, Kislimu e Kinuru / Tebetu; na Assíria, no entanto, há evidência de somente um festival desses por ano e tudo indica que esse festival era celebrado predominantemente no 10º mês (dezembro-janeiro) também chamado de Kanunu É bem provável que o propósito último do festival fosse a celebração do momento em que os dias começariam a ser longos novamente e que o flamejamento do braseiro simbolizasse a vitória da luz sobre a escuridão... o significado simbólico de nossas velas de Natal.^{1,2}

Parece então claro que o nome de “konun” refere-se ao mês (ou aos meses) em que se comemorava o festival do brazeiro no templo, a celebração de que a parte clara do dia prevaleceria mesmo no inverno; ou seja, vida mais longa.

Será que essa celebração influenciou a Igreja de Antioquia?

Antes de entrar nos detalhes vale lembrar que, todo o Norte da Mesopotâmia que hoje corresponde a Tur Abdin e adjacências (no sudeste da Turquia) foi o último reduto de resistência bélica dos assírios após a queda da capital, Nínive (atual Mosul no Iraque), em 612 a.C. e em poucos anos, essa resistência bélica deu lugar a outro tipo de resistência, a da manutenção das tradições culturais e religiosas dos assírios. Essas montanhas do norte da Mesopotâmia, na era cristã conhecidas como Tur Abdin, eram popularmente conhecidas como “montanhas da Assíria”.

Entrando um pouco no detalhe na ritualística, veremos que existe uma tradição na nossa Igreja de Antioquia, referente ao rito de Natal, ao Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em todas as igrejas siríacas ortodoxas do Norte da Mesopotâmia, durante a cerimônia de Natal, faz-se, em frente ao altar-mor uma fogueira em um fogareiro, um braseiro grande, o qual simboliza a presença do Espírito Santo, o Espírito de Deus que veio a Terra e nasceu como um ser humano.

O Natal, diferentemente da Páscoa, não é uma data móvel na Igreja de Antioquia, é uma festividade com data fixa, que ocorre no início do solstício de inverno, em dezembro, no mês de **kanun** dos assírios, ou, como é conhecido atualmente, em aramaico, em **konun qadmoio**. Esse braseiro nos apresenta uma enorme chama que, para nós, expõe, de forma inequívoca e clara que haverá uma nova vida, que se inicia uma vida mais duradora, uma vida mais longa que se não curvará diante da morte, essa, simbolizada, nos rituais da Igreja, pela escuridão.

Observações.:

¹ Velas de Natal – nas igrejas do ocidente há pelo menos duas tradições muito intensas sobre o uso de velas no dia de Natal. Na primeira, acende-se uma vela de maior diâmetro que as usuais para representar a Estrela de Belém que anunciou a vinda de Jesus aos pastores em Belém e aos Reis Magos que vinham do oriente para adorá-lo. Na segunda, que ocorre em muitas partes da Europa, na noite de Natal (noite de 24 para 25 de dezembro), toda a cerimônia é realizada somente à luz de velas. Nessas tradições o fundamento é que Jesus veio ao mundo (nasceu) e ele é a Luz do Mundo. Ambas tradições têm sua origem na Idade Média (476 d.C. a 1.453 d.C.). Prof. Simo Parpola acredita que essas tradições, em verdade, têm sua origem na cerimônia de “**kanun**” dos assírios.

² Na Igreja de Antioquia, a cerimônia das velas é distinta de “**kanun**” (ou “**konun qadmoio**”) e também, a iluminação exclusiva por velas não acontece durante a missa de Natal; ocorre na Cerimônia da Vigília que marca o início da Semana Santa. Em números futuros de *Suryoye*, se Deus quiser, esses temas serão abordados.

RITUALÍSTICA – Um Problema de Calendário (Cont.)

Referências:

- ◆ PARPOLA, S. **Letters from Assyrian Scholars to the Kings Esarhaddon and Assurbanipal**. Part II: Commentary and Appendices. Eisenbrauns. Winona Lake, Indiana. USA. 2007.
- ◆ **A Compendious Syriac Dictionary** – Edited by J. Payne-Smith (Mrs Margoliouth) – Clarendon Press . Oxford – 1902

Palavras da Bíblia

Porque a Ti pertencem, Senhor Deus, a grandeza e o poder e a glória e a majestade e a honra e o respeito; porque és soberano no céu e na terra; a Ti, Senhor Deus pertence a realeza e a sabedoria e o poder e o conhecimento e a riqueza e o respeito perante Ti está e és soberano sobre todas as coisas.

Livro Primeiro das Crônicas - capítulo 29º

A ORAÇÃO – (Trisságio)

Qadixat Aloho (Santo és Senhor...)

Ampliando um pouco mais o conhecimento sobre a oração “qadixat aloho” (em português é: Trisságio), devemos saber que existem 12 melodias com as quais se canta “qadixat aloho” das quais 8 são utilizadas recorrentemente; uma melodia para cada semana do ano; após a 8ª melodia repete-se o ciclo. Essas melodias são utilizadas no encerramento das orações matinais. A cada verso acrescenta-se “haleluia” ou “qürielaion”, alternadamente, exceto no 3º verso cujo complemento será o 4º e o 5º verso e a esses nada se acrescenta pois termina em “*uafraqt lan*” que significa “e salvaste a nós”. Assim também serão o 8º cujo final é o 9º verso e finalmente o 12º verso cujo complemento será o 13º verso e o 14º verso.

Nas cerimônias da missa e também nas procissões das festividades; entoa-se sempre uma mesma melodia, diferente dessas oito citadas.

Nas orações da tarde e noite, as melodias são as mesmas da manhã porém, sem os acréscimos de “haleluia” e “qürielaion”. Existem mais 2 melodias que são utilizadas somente durante a oração comum da semana e equivalem à 6ª melodia e à 8ª melodia.

Quanto às palavras, somente na missa é que se usa, no 4º verso (conforme mostrado no nr 77 de *Suryoye*) “*de^dSe^dTlepët ëhëlofáin*”. Nas outras cerimônias usa-se “*de^dSe^dTlepët me^dTulot^han*” e ambas expressões significam: “que foste crucificado por nós”.

Em todas as 10 melodias, após o 5º verso, não existe o 6º verso, em vez disso, há outros 9 versos, específicos da Igreja de Antioquia. Eis a oração com os complementos:

Santo és ó Deus, aleluia _____ qádixat aloho haleluia

Santo és ó Todopoderoso quirielaion ____ qádixat Haiëlt^hono qürielaion

Santo és ó Imortal _____ qádixat lo moiut^ho
 Que foste crucificado __de^dSe^dTëlepët
 E nos salvaste. _____ uafraqt lan.

(essa estrofe será repetida 3 vezes, conforme indicado no Nr 77 de Suryoye)

Nosso Senhor tenha pidedade de nós, aleluia – moran et^hraHamë'alain haleluia
 Nosso Senhor perdoa-nos e tenha misericórdia de nós quiriélaison – moran Hus uraHamë'alain qüriélaison
 Nosso Senhor aceita nosso serviço e nossas orações – moran qabel texmextan ua^dSlauot^han
 E tenha piedade de nós - uet^hraHamë'alain
 Glória a Ti, ó Deus aleluia – xuvëHo lok^h aloho haleluia
 Glória a Ti, ó Criador quiriélaison – xuvëHo lok^h boruio qüriélaison
 Glória a Ti, ó Cristo Rei – xuvëHo lok^h malëko mëxiHo
 Que tens misericórdia dos pecadores Teus servos, – dëHoien lëHa^dToie a'avdaik
 Bênção Senhor. – barek^hmor.

CULTURA ORIENTAL – A PERSPECTIVA

Uma das questões que se levantam sempre é das pinturas que as igrejas siríacas nos legaram. Estamos nos referindo, é claro, às que sobreviveram da destruição islâmica perpetrada pelos 14 séculos desde que ressurgiu o nomadismo na forma conhecida de dominação e perseguição religiosa; do islamismo, principalmente no fanatismo das tribos mongóis que procediam do Turquemenistão, trazidos pelos califas árabes como mercenários deles (as pessoas das tribos do Turquemenistão: os seldjuques também conhecidos em português como seljúcidas, os otomanos e outros eram chamados pelos árabes por “mamalik” = *possuídos*; em árabe aqui, “*possuído*” significa somente aquele que é propriedade de alguém) e depois, por volta do século XI, apoderaram-se os turquemenistaneses, do trono do sultão de Bagdá autodeclarando-se sultões do oriente.

Começa aí, a pior fase para a arte cristã e talvez para toda a arte no Oriente.

Por má interpretação do cristianismo, os nômades árabes, convertidos ao islamismo, seguindo Maomé, proibiram toda e qualquer escultura e toda a representação do ser humano, em desenho, pintura, mosaico e claro, escultura. Esses beduínos entendiam que somente Deus pode-

ria criar o homem à Sua efígie (v. Bíblia: Gênesis capítulo 1 versículo 27¹ e o Corão: *al-a'alaq* capítulo 96 versículos 1 e 2²).

Se, no entanto olharmos a arte pictórica do Oriente, pelo menos a cristã, anterior ao maometanismo, na Síria, Palestina, Líbano e Mesopotâmia, logo nos salta aos olhos algo impressionante.

Os seres humanos não estão representados em perspectiva. Falta a ilusão da profundidade, da tridimensionalidade, que outros povos anteriores e posteriores já mostravam. Por que os siríacos não desenhavam em perspectiva? Por que isso? Donde provem essa técnica?

Aqui referimo-nos a todas as Igrejas que usavam o aramaico como língua sacra, ou seja: assírios, fenícios, cananeus e arameus; adeptos da Igreja Assíria do Leste ou ainda, os seguidores dos concílios pós-Nicéia e claro, nossa Igreja Siríaca de Antioquia que anuiu somente até o Concílio de Nicéia. Todas elas “padeciam desse mal”, nada de perspectiva. Como prova, convidamos o leitor a rever a figura da Santa Ceia que foi publicada em Suryoye número 41, página 3 (A Santa Ceia). Essa é uma figura típica do Cristianismo Oriental.

Por que assírios e babilônios e os que eles influenciaram culturalmente, até mesmo cristãos, não desenhavam em perspectiva? Não tinham habilidade, como se ensina até hoje no ocidente? Ou será que aquilo que *malphono* A. G.

CULTURA ORIENTAL – A PERSPECTIVA

Sowmy ensinava: “o ocidente não compreendia o pensamento oriental antigo, em especial o assírio”, estava correto? Vemos reflexo disso, mesmo no tempo de Cristo e após Cristo em 600 anos na imagem da Santa Ceia Oriental, conforme descrito em *Suryoye* número 41 (não aquela idealizada por Leonardo da Vinci, 15 séculos depois de Cristo).

Em fim, qual era o pensamento oriental antigo a que se referia *malphono* Sowmy?

Ensinava ele que devíamos olhar a arte oriental (assíria) de forma simples. O povo oriental, da antiguidade pré-cristã, em especial o assírio que influenciou o Oriente inteiro e até a Ásia Oriental, partia do princípio da não ilusão, assim, a perspectiva ou a ilusão de tridimensionalidade não passava disto, uma ilusão. A prova é que se olharmos uma escultura assíria, por mais complexa que fosse, tal como o ser espiritual que protegia os palácios e templos, o **Lamassu** dos assírios (conhecido no ocidente como “Touro Alado”), veremos que ele era esculpido com 5 patas. Por que isso? Explicava *malphono* Sowmy que assim procediam pois de qualquer lado que olhasse aquela escultura, o observador veria 4 patas já que uma ficaria escondida.

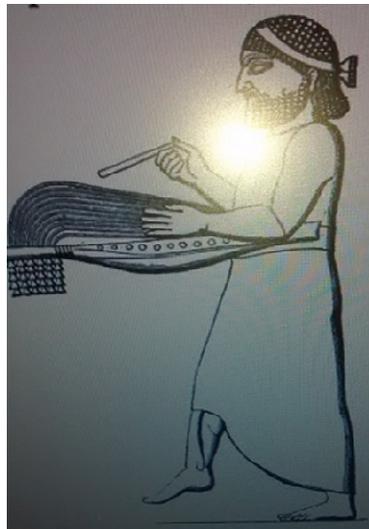
A idéia dos assírios era a de fornecer a informação: de qual angulo quer que se observe, a informação é que a escultura possui 4 patas.

Seria essa observação do *malphono* Sowmy algo aleatório ou haveria outras que corroborassem esse fato?

Vamos tomar “emprestado” um desenho que Engel reproduziu em seu livro sobre a história da música. Nessa figura é representado um músico com uma harpa horizontal conhecida como “saltério” em português. Novamente observamos que não existe a perspectiva, o desenho é “chapado”, existem, claramente, somente duas dimensões, a altura e a largura, nada de profundidade.

Ocorre que se olharmos atentamente a harpa; veremos que ela possui 16 cordas. Se o artista usasse a perspectiva, ele perderia essa informação pois o saltério é colocado na horizontal e as cordas “desapareceriam” e ficariam “penduradas” as extensões dessas cordas, todas alinhadas em perspectiva e por essas exten-

sões, ninguém perceberia a quantidade de cordas e tal-



vez a cromaticidade necessária para a cerimônia. Essa era a particularidade da figura, o artista queria transmitir ao mundo que naquela época, os assírios usavam a harpa em sua festividade e essa harpa deveria ser uma harpa de 16 cordas. O original é de alguma época do VII século a.C.

Há uma harpa real de Ur (na Babilônia, mais ao sul donde estava a Assí-

ria) com os encaixes previstos para instalar 10 cordas. Essa harpa de Ur é do XX século a.C. (aproximadamente 1.500 anos antes dessa figura).

Qual a informação que podemos tirar daí?

Observando os outros povos do VII século a.C. tal como os hindus e os chineses, todos os povos possuíam instrumentos parecidos (harpas e cítaras) com 5 cordas; por isso, alegavam que as suas melodias eram pentatônicas (5 sons) e isso se manteve por mais de 10 outros séculos. Os orientais da Mesopotâmia, Síria, Líbano, nessa mesma época, já trabalhavam melodias com 16 cordas (16 sons). Isso quer dizer que já possuíam melodias muito mais complexas. Além disso, a escala cromática atual (aquela mais completa que vai da nota *Do* até a nota *Si* com os acidentes – ao piano ou teclado eletrônico, são as sete teclas brancas e mais as cinco pretas intercaladas a essas outras sete), conta com 12 sons.

Pelo desenho assírio, se considerarmos a escala cromática, veremos que esse saltério deveria possuir 8 tons e mais 8 semi-tons ou seja, 4 a mais que a escala cromática moderna. Vale aí a observação que prof. Bassim Sowmy frisava, nas suas diversas discussões sobre música, que o ser humano, através dos mesopotâmicos (assírios e babilônios) completou a escala cromática e também por isso, colocou ele, na introdução do livro escrito a quatro mãos com *malphono* Sowmy (seu pai):

“As tonalidades igualmente já se definiram naqueles remotos tempos desde antes de Cristo. O que o Ocidente fez foi retereorizar o definitivo dos assírios, tal era o grau de aperfeiçoamento estético alcançado e exigido por eles.”. (página XXII – Evolução Cultural dos Povos Assírio-Arameos do Oriente – A Música).

CULTURA ORIENTAL – A PERSPECTIVA

Voltando ao tema original, podemos dizer que não seria por falta de habilidade, fosse ela visual ou cultural que os povos do Oriente Médio não faziam uso da perspectiva mas, sim, porque qui-

sessem priorizar alguma informação que para eles era importante; por isso eles não usavam a ilusão da tridimensionalidade da perspectiva; por isso eles usavam outra técnica de desenho para deixar clara a informação, o ensinamento que queriam transmitir à posteridade.

Observações:

- ¹ E criou Deus Adão em sua imagem, em sua imagem Deus o criou, macho e fêmea criou-os. (em aramaico: *uábro aloho lod^hom bē^dSalēme, bē^dSalēme aloho broi, dēk^har uneqēvo bro enun*) - o original está na secção de aramaico.
- ² Leia em nome de teu Deus que te criou de um sanguessuga (em árabe: *íqra bi issimi rábika aladhi k^halaga alínsana min a'alaqin*) - o original está na secção de aramaico.
- ³ Propositamente usamos a palavra **malphono** que é em aramaico pois não existe equivalente em português. **Malphono**, explicamos em outro número de Suryoye, é um termo em aramaico que se dá ao professor no sentido que essa pessoa “fez escola”, isto é legou para a posteridade um cabedal de conhecimentos através de seus livros e que deixou discípulos que o seguiram. O instrutor que simplesmente repassa a matéria a seus alunos e/ou faz exercícios, isto é, ensina sem interpretar filosofias ou acrescentar outras filosofias, chama-se, em aramaico: **medarxono**.

Para saber mais:

Sowmy, Ibrahim Gabriel e Sowmy, Basim Ibrahim Gabriel. Evolução Cultural dos povos Assírio - Arameos do Oriente – A Música – volume X. São Paulo, Brasil. 1989. (esse livro pode ser acessado em: <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/partituras/marduthodsuryoyevolx.pdf> - último acesso em 15 de julho de 2016)

Engel, Carl. The Music of The Most Ancient Nations. London. 1864.

Festividades do 3º Bimestre

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcaram o 3º bimestre em nossa Igreja Siríaca de Antioquia:

- Martírio de São Tomé Apóstolo, na Índia.
- Martírio de São Quiriacos e sua mãe Júlia
- São Tiago Baradeu (Buredo'ono)
- São Gregório Barhebraeus (Bar a'ebroio) Maferiono em Nínive.
- Santo Ahodeme (bispo para tribos árabes que se tornaram sedentárias)
- **Transfiguração de N.S. Jesus Cristo**
- São Gabriel, bispo do mosteiro de São Gabriel em Tur Abdin
- **Assunção de N.Sra. Mãe de Deus aos Céus**
- Santo Sobo o Persa (mor Afrahat)
- Santo Aksnoio Filoxinos de Mabug

Palavras da Bíblia

Porque esta é a vontade de Deus que, através de vossas práticas do bem, façais emudecer os insensatos que não conhecem a Deus; como homens livres, e não à maneira dos que tomam a sua liberdade como véu a esconder sua malícia, mas como servos de Deus.

Primeira Carta de S. Pedro - capítulo 2

UMA ORAÇÃO DE SÚPLICA

Ó Senhor do anoitecer,
Aceita nossos oferendas¹ e orações
Por Tua compaixão,
E com Tua misericórdia

Responda as súplicas
De todos nós
Com Teu tesouro
Repleto de benesses².

Observações:

¹ em aramaico: serviços, missas

² em aramaico: auxílios

Visita de SS Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia ao Brasil

Está programada a vinda de Brasil para o final do mes de Ainda não temos as datas de como a programação correta Santa Maria, estamos nos recepcionar por três dias e e recebermos suas bênçãos A Igreja Santa Maria emitirá data e a programação final.



nosso patriarca, ao outubro deste ano. chegada e partida bem porém, nós, da Igreja preparando para o assim orarmos com ele patriarcais. avisos futuros com a

SS Patriarca moran mor Ignátios Aphrem Traiono (segundo)

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

Nesta edição publicamos partes do texto de um autor nascido nos Estados Unidos da América do Norte sobre a situação que ocorreu no Reino do Iraque em agosto de 1933, no qual foram massacrados milhares de assírios (calcula-se que foram 10 mil) pelo exército do Iraque apoiado pela Royal Air Force (RAF) da Grã-Bretanha (Reino Unido). Os assírios massacrados eram, na sua quase totalidade, anciãos com mais de 70 anos, mulheres solteiras e mães e crianças. Além disso, todos estavam ligados à vida agrícola e não haviam promovido qualquer levante contra o governo recém-estabelecido pela Grã-Bretanha. Um ano antes, 1932, contrariando sua promessa oficial feita aos assírios/sirianis durante a Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha formou da Mesopotâmia de NE até SE e Sul um estado artificial denominado Iraque e colocou como governo um rei que imaginava que o dominaria. Esse reino do Iraque então, tentou forçar a islamização e arabização dos cristãos que haviam escapado do Saifo e, apoiado pelos bombardeios aéreos da RAF, saqueou os vilarejos dos assírios, violentando as mulheres e massacrando a todos que ali estavam.

O autor em questão, William Saroyan, era um jornalista, depois dramaturgo e roteirista de filmes cinematográficos e anos depois (1940) ganhou o maior prêmio de literatura jornalística dos Estados Unidos da América do Norte, o Prêmio Pulitzer. O pai, assim como toda a geração imediatamente anterior desse autor havia fugido do massacre que a Turquia perpetrara contra os armênios em 1915 e por isso ele próprio entendia o que significava o massacre dos assírios 18 anos mais tarde (1933).

Para entender o contexto, o autor entra na barbearia da Escola de Barbeiros para cortar o cabelo. Ele é jovem com pouco dinheiro e por isso vai a essa barbearia. Além disso, é preciso observar que até 50 anos após esse evento, os homens costumavam cortar o cabelo e fazer a barba em salões conhecidos como barbearia; após a proliferação da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), esses salões deixaram de fazer a barba e especializaram-se em cortes diferenciados de cabelo, passando a se chamar “salões de cabeleireiros”.

Segue a tradução do texto de William Saroyan. O original encontra-se, em inglês, na seção de textos em aramaico.

.....
Deixa-me tentar de novo: eu não cortava o cabelo havia muito tempo e eu estava começando a parecer um indigente, então fui à Escola de Barbeiros na Rua Três e me sentei numa cadeira. Eu disse: "Deixa-o cheio na parte de trás. Eu tenho uma cabeça estreita e se não o deixares cheio na parte de trás, sairei daqui parecendo um cavalo. Podes cortar quanto quiser em cima. Sem loção, sem água, penteado a seco."

A leitura, completa o homem, escrever, torna-o preciso, como podes ver. Isso foi o que aconteceu. Não ajuda muito a estória e a razão disso foi por eu deixar de fora o barbeiro, o jovem que me cortou o cabelo. Ele era alto, tinha um rosto sério escuro, lábios grossos, a ponto de sorrir, porém, transparecia melancolia, cílios grossos, olhos tristes, um nariz grande. Eu vi seu nome no cartão que estava colado no espelho, Theodore Badal. Um bom nome, muito original, um bom rapaz, genuíno. Theodore Badal começou a trabalhar na minha cabeça.

O bom barbeiro nunca fala até que tenham falado com ele, não importa quão triste seu coração possa estar.

"Esse nome," eu disse, "Badal. És um armênio?"

Eu sou armênio. Penso que mencionei isso antes. As pessoas olham para mim e começam a se perguntar, então eu vou logo dizendo. "Eu sou armênio", eu digo. Talvez tenham lido algo que escrevi e começam a se perguntar, então já os deixo saber. "Eu sou armênio", eu digo. É uma observação sem sentido ainda assim

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX**(CONT.)**

eles esperam que eu diga isso, então eu o faço. Não tenho idéia do que é ser um armênio ou inglês ou japonês ou qualquer outra coisa. Tenho sim uma leve idéia do que é estar vivo. Esta é a única coisa que me interessa e muito. Isto e tênis. Espero que um dia venha a escrever uma grande obra filosófica sobre tênis, algo como Morte ao Entardecer¹, porém sei que ainda não estou pronto para realizar tal trabalho. Creio que a arte de jogar tênis, em larga escala, entre os povos da Terra deve ajudar muito a aniquilar as diferenças raciais, preconceitos, ódio etc. Tão logo eu aperfeiçoe a minha rebatida e arremesso, espero começar a minha exposição desta grande obra...

"És armênio?" perguntei.

Nós somos um povo pouco numeroso e sempre que um de nós encontra outro, torna-se um evento. Estamos sempre procurando por alguém para falar na nossa língua. Nosso partido político mais ambicioso estima que existam cerca de dois milhões de nós sobre a Terra mas a maioria de nós não pensa assim. A maioria de nós, sentamo-nos e pegamos um lápis e um pedaço de papel e tomamos uma parte do mundo nalgum momento e imaginamos quantos armênios, no máximo, vivem naquela seção e daí colocamos o número mais alto no papel e, então, vamos a outra seção, Índia, Rússia, Armênia Soviética, Egito, Itália, Alemanha, França, Estados Unidos, América do Sul, Austrália e assim por diante, e depois de somarmos todos os nossos números mais esperançosos chegamos a algo pouco menos de um milhão. Então começamos a pensar o quão grandes são nossas famílias, como é alta a taxa de natalidade e quão baixo nosso índice de mortalidade (exceto em tempos de guerra, quando os massacres aumentam a taxa de mortalidade), e começamos a imaginar como rapidamente vamos aumentar se nos deixam em paz por um quarto de século, e nos sentimos muito felizes. Nós sempre deixamos de fora terremotos, guerras, massacres, fome etc e isso é um erro. Lembro-me das unidades de Alívio do Oriente Próximo² em minha cidade natal.

Meu tio era o nosso orador e costumava fazer todo um auditório cheio de armênios chorar. Ele era um advogado e um grande orador. Bem, primeiro o problema era a guerra. Nosso povo estava sendo destruído pelo inimigo. Aqueles que não tinham sido mortos tornaram-se sem-teto e estavam morrendo de fome, "nossa própria carne e sangue", meu tio dizia e todos nós chorávamos.

Então reunimos dinheiro e enviamos ao nosso povo na velha pátria.

Em seguida, após a guerra, quando eu era um garoto maior, tivemos outra unidade de Alívio do Oriente Próximo e meu tio subiu no palco do Auditório Cívico de minha cidade e disse: "Graças a Deus desta vez não é o inimigo, mas um terremoto. Deus nos fez sofrer. Nós O adoramos sob tentações e nas atribulações, no sofrimento e na doença, sob tortura e horror e (meu tio começou a chorar, começou a soluçar) na loucura do desespero e agora Ele nos faz isso e mesmo assim, nós O louvamos e ainda O adoramos. Não entendemos os caminhos de Deus".

Depois que voltamos, fui ter com meu tio e lhe disse: "Realmente quiseste dizer aquilo sobre Deus?" E ele disse: "Isso foi oratória. Temos que levantar o dinheiro. Que Deus? É bobagem." "E quando choraste?" Eu perguntei, e meu tio disse: "Isso foi real. Eu não podia fazer nada. Eu tive que chorar. Por que, pelo amor de Deus, por que devemos passar por todo esse inferno? O que fizemos para merecer toda essa tortura? Nunca³ vamos ficar em paz. Deus não vai nos deixar em paz. Fizemos alguma coisa? Por acaso não somos pessoas piedosas? Qual é o nosso pecado? Estou revoltado com Deus. Até me dá ânsias. A única razão pela qual estou disposto a me levantar e falar é que não consigo manter minha boca fechada. Não consigo suportar a idéia de mais pessoas nossas morrerem. Jesus Cristo, será que nós fizemos alguma coisa?"

Perguntei a Theodore Badal se ele era um armênio.

Ele disse: "Eu sou um assírio."

Bem, já era algo. Eles, os assírios, vieram da nossa parte do mundo, eles tinham narizes como nossos narizes, olhos como os nossos olhos, corações como nossos corações. Eles tinham um idioma diferente. Quando eles falavam não conseguíamos entendê-los, porém eles eram muito parecidos conosco. Não era tão agradável como seria se Badal fosse armênio, mas já era algo.

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

"Eu sou armênio", eu disse. "Eu conhecia alguns rapazes assírios na minha cidade natal, Joseph Sargis, Nito Elia, Tony Saleh. Conheces algum deles?"

"Joseph Sargis, eu o conheço", disse Badal. "Os outros, não conheço. Nós morávamos em Nova Iorque, cinco anos atrás, então nós viemos para o oeste, para Turlock. Em seguida, mudamos para San Francisco."

"Nito Elia," eu disse, "é capitão do Exército da Salvação." (Não quero que pensem que estou inventando algo, ou que estou tentando ser engraçado.) "Tony Saleh," eu disse, "foi morto há oito anos. Ele estava montando um cavalo e foi arremessado e o cavalo começou a correr. Tony não conseguia se libertar, ele ficou preso por uma perna, e o cavalo correu e correu por hora e meia e depois parou, e quando chegaram a Tony, ele já estava morto. Ele tinha quatorze anos na época. Eu costumava ir para a escola com ele. Tony era um menino muito inteligente, muito bom em aritmética."

Começamos a falar sobre a língua assíria e a língua armênia, sobre o velho mundo, as condições de lá, e assim por diante. Eu só estava cortando o cabelo por quinze centavos e fazendo o meu melhor para aprender alguma coisa, nesse tempo, tentando adquirir uma nova verdade, uma nova visão da maravilha da vida, a dignidade do homem. (O homem tem muita dignidade, não, não imagines que ele não tenha.)

Badal disse: "Eu não sei ler assírio. Eu nasci no velho mundo mas eu quero esquecer tudo isso."

Ele parecia cansado, não fisicamente mas espiritualmente.

"Por que?" Eu disse. "Por que queres esquecer isso?"

"Bem", ele riu, "simplesmente porque lá, tudo já se acabou." Estou repetindo exatamente suas palavras, não colocando nada da minha parte. "Certa época nós fomos um grande povo," ele continuou. "Mas isso foi ontem ou anteontem. Agora nós somos um tópico na matéria de história antiga. Nós tínhamos uma grande civilização. Ainda a estão admirando. Agora estou na América aprendendo a cortar cabelo. Estamos acabados como raça, estamos nos extinguindo, está tudo acabado, por que deveria eu aprender a ler essa língua? Não temos escritores, não temos notícias, bem, há uma pequena notícia: de vez em quando os ingleses incentivam os árabes a nos massacrar e isso é tudo. É uma estória velha, sabemos tudo a respeito. E ainda a notícia chega até nós através da Associated Press."

Estas observações foram muito dolorosas para mim, um armênio.

Eu sempre me sentira mal sobre o meu povo que está sendo destruído. Eu nunca tinha ouvido um assírio reportar algo em inglês sobre tal assunto. Senti um grande amor por este jovem. Não me interpretem mal. Há uma tendência nestes dias para pensar em termos de homossexuais sempre que um homem diz que ele tem afeição para outro homem. Bem, penso que tenho carinho por todas as pessoas, até mesmo pelos inimigos da Armênia, a quem eu, com tato, não tenho nomeado. Todos sabem quem eles são. Não tenho nada contra qualquer um deles, porque eu penso neles como um homem que vive uma única vida de cada vez, e sei, nisso sou positivo, que um homem, por si, é incapaz de realizar as monstruosidades praticadas pelas multidões. Minha queixa é contra as multidões.

"Bem", eu disse, "é a mesma coisa conosco. Nós, também, somos antigos. Ainda temos nossa igreja. Ainda temos alguns escritores, Aharonian, Isahakian, alguns outros, mas é tudo igual."

"Sim", disse o barbeiro, "Eu sei. Lutamos pelas coisas erradas. Lutamos pelas coisas simples, paz e tranquilidade e famílias. Nós não fomos lutar por armas e conquistas e militarismo. Não lutamos pela diplomacia e engodo e pela invenção de metralhadoras e gases venenosos. Então, não adianta mais se decepcionar. Nós vivemos nossos dias de glória, suponho."

"Nós temos esperança", eu disse. "Não há um armênio vivo que não sonhe com uma Armênia independente".

"Sonho?" disse Badal. "Bem, isso já é alguma coisa. Os Assírios não podem sequer sonhar mais. Por acaso, sabes quantos de nós sobram sobre a Terra?"

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

"Dois ou três milhões", insinuei.

"Setenta mil", disse Badal⁴. "Isso é tudo. Setenta mil assírios no mundo, e ainda assim, os árabes estão nos matando. Eles mataram setenta⁵ de nós em um curto levante no mês passado. Saiu uma pequena nota no jornal. Mais setenta de nós mortos. Seremos eliminados em pouco tempo. Meu irmão é casado com uma garota americana e tem um filho. Não há mais esperança. Estamos tentando esquecer Assíria. meu pai ainda lê um jornal que vem de Nova York, mas ele é um homem velho. Em breve terá falecido. "

Em seguida, sua voz mudou, ele parou de falar como um assírio e começou a falar como um barbeiro: "Tirei já o suficiente do topo?" ele perguntou.

O resto da estória é insignificante. Eu disse adeus ao jovem Assírio e sai do salão. Andei pela cidade, quatro milhas, até meu quarto na Rua Carl. Pensei sobre tudo isso: Assíria e este assírio, Theodore Badal, aprendendo a ser um barbeiro, a tristeza de sua voz, o desespero de sua atitude. Isso foi há meses, em agosto, mas desde então eu estive pensando sobre a Assíria, e eu tenho vontade de dizer algo sobre Theodore Badal, um filho de uma raça antiga, ele próprio jovem e vívido, porém sem esperança. Setenta mil assírios, somente setenta mil daquele grande povo, e todos os outros no silêncio da morte e toda a grandeza desintegrada e ignorada, e um jovem na América aprendendo a ser barbeiro, um jovem lamentando amargamente o curso que a história tomou.

Por que eu não componho tramas e escrevo belas estórias de amor que podem ser transformadas em filmes? Por que eu não deixo esses assuntos pedantes e sem importância desaparecerem? Por que não tento agradar o público leitor americano?

Bem, eu sou armênio. Michael Arlen⁶ também é armênio. Ele agrada o público. Tenho grande admiração por ele, e acho que ele aperfeiçoou um estilo muito interessante de escrever e tudo mais, contudo eu não quero escrever sobre as pessoas das quais ele gosta de escrever. Para começar, aquelas pessoas estavam mortas. Aí, tomas Iowa e o jovem japonês e Theodore Badal, o assírio; bem, eles podem ir lá para baixo para a morte física, como Iowa, ou para a morte espiritual, como Badal, contudo eles são feitos daquilo que é eterno no homem e é essa coisa que me interessa. Não os encontrarás sob as luzes dos holofotes, fazendo observações espirituosas sobre sexo e observações triviais sobre arte. Vais encontrá-los onde eu os encontrei, e eles vão estar lá para sempre, a raça humana, a parte do homem, da Assíria, tanto quanto da Inglaterra; daquela parte que não pode ser destruída, a parte que um massacre não destrói, a parte que o terremoto e a guerra e a fome e a loucura e tudo o mais não pode destruir.

Este trabalho é uma homenagem a Iowa, ao Japão, à Assíria, à Armênia, à raça do homem em todos os lugares, à dignidade daquela raça, a irmandade de coisas vivas. Não espero que a Paramount Pictures vá filmar este trabalho. Estou pensando em setenta mil assírios, um de cada vez, vivo, uma grande raça. Estou pensando em Theodore Badal, ele próprio setenta mil assírios e setenta milhões de assírios, ele mesmo Assíria, e o homem, de pé numa barbearia, em San Francisco, em 1933, e ainda assim é ele mesmo e toda a raça.

1934

Observações:

- ¹ *Death in the Afternoon* é o título original em inglês de uma obra de Ernest Hemingway, autor norte-americano do século passado; famoso por obras como "O velho e o mar" e "Adeus às armas".
- ² Near East Relief (em inglês) – ajuda que o mundo ocidental, em especial os EEUU dão logo após uma catástrofe.
- ³ em inglês a expressão é: "Man" usado como impessoal, depois ele especifica "Deus"
- ⁴ Daqui por diante, pelo número dado, fica claro que ele se refere somente à parcela dos assírios que se refugiaram no Reino do Iraque e que pertenciam à comunidade religiosa da Igreja Assíria do Leste. Naquela época, os assírios das demais denominações religiosas chegavam a algo como 250 mil.

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

(CONT.)

⁵ Ele se refere à família dos Badal somente pois, mais abaixo faz referência a seu irmão.

⁶ Michael Arlen – cronista, jornalista, roteirista e autor armênio, contemporâneo de Saroyan porém, nasceu e viveu na Europa. Sua família havia fugido da matança que o governo otomano promovera contra os armênios, 20 anos antes do genocídio do Sáifo (1894 até 1896).

[O texto original fora acessado em 1998 num sítio da “geocites”; o referido sítio foi retirado da Rede Internacional (world wide web—www) quando a geocites foi retirada do ar; porém o editor ainda possui o texto completo em inglês; quem se interessar poderá solicitá-lo através do endereço de correspondência eletrônica da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria: contato@igrejasiriansantamaria.org.br, fornecendo somente o nome e endereço de e-mail]

Oração pelos mártires cristãos

Os mártires que abominaram os bens,
Do mundo passageiro
E negaram os próprios pais e irmãos
E ascendência e até o clã,
E aceitaram a morte,
Por Jesus.
Eis que sua memória
É hoje venerada.

*Livro das orações da Semana Comum da Igreja Siríaca de Antioquia - Oração da manhã da quinta-feira.
(Mosteiro de S. Marcos - Jerusalém - 1936 d.C.).*

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

1. *Novo pároco* - Como é do conhecimento geral, temos um novo pároco na Igreja Santa Maria que chegou ao Brasil, proveniente de Homs, na Síria, há 3 meses e que deseja conhecer a comunidade aqui em São Paulo assim, ele aguarda que os membros da comunidade entrem em contato para o convidar à seus lares a fim de conhecer as pessoas. O nosso padre se chama Andraus (*abuna andráus*), é casado e possui um filho.
2. *Visita à Igreja Copta em São Paulo* - Padre Andraus junto com o diácono Peter visitaram a Igreja Copta Ortodoxa de São Marcos, em 5 de julho. Lá foram recebidos por Dom Aghason, bispo da Igreja Copta com toda a gentileza que é característica aos egípcios coptas. Após as boas vindas dadas por Dom Aghason em sua casa, ele e Padre Andraus visitaram o interior da igreja onde Dom Aghason discursou um pouco sobre a origem dos diversos ícones e a arquitetura da igreja. Fotos da visita estão no site em: http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/social_copta_2016.htm.
3. *Festa Junina* - Em 26 de junho, nossa Igreja Santa Maria realizou a sua tradicional festa junina. A entrada foi cobrada em forma de donativos que consistiam de 2 kg de lentilha ou grão-de-bico ou trigo que foram doados aos refugiados provenientes da Síria devido à guerra religiosa que lá está ocorrendo. Foram arrecadados mais de 130 kg de alimentos. Neste ano o evento foi totalmente coordenado pela Liga das Senhoras da Igreja sob o comando da Diretoria Social que liberou o salão interno para danças populares e folclóricas da Síria. O evento começou logo após o término da missa e transcorreu até às 17 horas. Algumas fotos podem ser vistas em http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/festa_junina_2016.htm.
4. *Assunção de Nossa Senhora* - Em 14 de agosto, a nossa Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, comemorou a Assunção de N. Sra. Ou seja, quando a Santa Virgem Maria foi arrebatada aos céus. Essa é uma data importante em nossa Igreja de Antioquia pois é o reconhecimento de que ela era realmente a Mãe de Deus. Padre Andraus e os diáconos, após a homilia dominical, realizaram uma cerimônia especial para lembrança dessa data.
5. *Festa para os pais* - Em 14 de agosto, a Liga das Senhoras da Igreja Santa Maria, sob a orientação da Diretoria Social, promoveu uma homenagem aos pais. A comemoração ocorreu após a missa dominical das 11:00 horas, no salão da Igreja. As senhoras da Liga trouxeram um bolo que foi cortado pelo pai de maior idade, Dr. George Carui junto com Padre Andraus, simbolizando todos os pais da comunidade. Algumas fotos podem ser vistas em: http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/dia_dos_pais_2016.htm.
6. *Biblioteca*: Já iniciamos a organização da biblioteca da Igreja Santa Maria. Neste momento, a biblioteca conta com mais de 300 livros em inglês, árabe, português e aramaico doados pela família Sowmy que pertenciam ao professor "*malphono*" Abrohom Gabriel Sowmy além de outros 50 livros em francês, árabe, inglês e aramaico e mais de 400 revistas em turco, sueco, holandês, árabe e aramaico doados por Dona Farideh Assad Maqdasi Elias, viúva do professor "*malphono*" Denho Ghatass Maqdasi Elias. Todo esse material está sendo limpo e organizado pelo Sr. Maher Alsheik e esposa, Sra. Rannie e; ao mesmo tempo, todo ele é catalogado via computador com dados básicos incluindo entre esses dados um pequeno sumário dos livros.

NOTÍCIAS DA IGREJA SIRIAN ORTODOXA MISSIONÁRIA

1. *Igrejas da Missão* - Além das 4 igrejas fundadas pelos imigrantes provenientes do Oriente Médio há mais de 100 anos, igrejas essas chamadas de “igrejas tradicionais” ou “igrejas da diáspora” (todos esses fundadores, já falecidos, eram fiéis da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia); existem ainda diversas igrejas cujos fundadores não eram imigrantes provenientes do Oriente Médio; eram brasileiros filhos de brasileiros de origem ou filhos de imigrantes procedentes de outras regiões do mundo. Estas igrejas foram denominadas pelo patriarcado por “igrejas missionárias” ou “igrejas da pregação” pois, num passado não muito remoto, o então padre Moussa Salama (depois bispo *mor* Crisóstomos Moussa Salama) em diversas pregações e palestras por mais de 30 anos, angariou diversos amigos que adotaram o cristianismo original, o cristianismo da Igreja Sírian Ortodoxa de Antioquia. Hoje, essas igrejas estão espalhadas pelos mais diversos rincões de norte a sul do Brasil e respondem diretamente a um bispo: *mor* Faustino, confirmado pelo então Patriarca *mor* Ignatios Zakkai I, Iwas, já falecido. Esse mesmo patriarca, enviou a essas igrejas um orientador, *mor* Titos Boulos Tuza que é o Núncio Apostólico para as Igrejas Missionárias.

Entre 20 e 22 de julho passado, houve em Hidrolândia, Goiás, o Concílio das Igrejas Sirian Ortodoxas Missionárias sob os auspícios de *mor* Titos e *mor* Faustino, no qual foram tomadas diversas medidas para que a Igreja Sirian Ortodoxa Missionária continuasse em seu caminho de progresso; além disso, foi discutida a vinda de SS Patriarca *mor* Ignatios Afrem II, Karim que ocorrerá em final de outubro com previsão de permanência por 10 dias consecutivos em Goiás e Brasília. Nesse tempo, deverá ser consagrada a Igreja da Nunciatura por SS, além de outros eventos religiosos.

2. *A VOZ DO ORIENTE* - A Biblioteca da Igreja Santa Maria recebeu o primeiro número do informe: *A Voz do Oriente*, publicado em formato eletrônico (PDF) pela Divisão de Comunicação da ISOA sob orientação de S. Beatitude *mor* Titos Boulos Tuza e direção de *abuna* Pablo das Neves. Esse informe está disponível em : <https://igrejasirianortodoxa.com/jornal-voz-do-oriente/>.

Uma Oração de Súplica

O Filho que por Seu amor	Dá o descanso a Teus servos
À Sua mãe por signos honrou	Que em Ti creram e deitaram
E da vida sofrida do mundo	E descansaram esperando em Ti;
Ao descanso a levou,	De nós te lembres quando vieres

Ó Tu que amas o ser humano!

Festividades do 5º Bimestre (setembro - outubro)

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que comemoraremos no próximo bimestre.

Em nosso Calendário, são destaque os seguintes eventos:

- S. Malke.
- Natividade de N.Sra., a Virgem Maria, Mãe de Deus.
- S. Juliano de Homs.
- Celebração do Encontro da Cruz.
- S. Sérgio e S. Bacos.
- Santa Simone e seus sete filhos.
- S. Lucas Evangelista.
- Santificação da Igreja que é o Início do Ano Litúrgico da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia.

Cada uma dessas festividades possui seus cânticos e orações especiais que compõem com outras atitudes toda uma ritualística que deve ser executada na igreja.

Donativos

A Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria sobrevive dos generosos donativos de seus fiéis e precisa deles pois há muitas obras sociais que são dever de cada um para com seu próximo; assim, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria recolhe os donativos e os entrega às instituições que cuidam de órfãos, viúvas necessitadas, refugiados, albergues etc.

Qualquer valor é bem recebido por parte de quem precisa.

A Diretoria Social convoca todos os fiéis a participarem dos donativos para as Campanhas de Ajuda.

Quem quiser contribuir poderá falar com Jacqueline Bustamante ou fazer um depósito na conta:

Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco 033: Santander

Conta Corrente: 13000212-9

Agencia: 2174

ORAÇÃO INICIAL

lok ^h u morio mēqarbinan	كُوبِ اِيُوهُ مُونِنَا مَقَرَّبِيْنَ
a'e ^d Tro dēvesme	خَلِيْنَا وَجَمَعْنَا
umen bet ^h gazok ^h xolinan	مَعَّ حَتَابَا رَاوِبِ مُرَاخِيْبِيْنَ
hēnono urahēme	سَلُّا هَوَسْمَلَا.
datu ger bassimo	وَاِيَا اِيُوهُ رِيْنِيْ كَصَمَعَلَا.
u ^d Sobe bēt ^h aiobe	هَرُكَا حَلِيْنَا:
lait lan sabēro ut ^h uk ^h ēlono	كَلَا حَ هَعْدَا هَلَاوَجُكُنَا
elo en at	اَلَّا اِيْ اِيَا:
morio aloho	مُونِنَا اَلَاوَا.
bo'enan menok ^h	حُكْبِيْ مَلِيْبِيْ
bē ^h axo uavd ^h eme'e	حَسْمَلَا هَجْمَلَا.
uavē ^h uvo uavē ^h aimonut ^h o	هَجَسْمَلَا هَجَهْمَلَا:
qabel ^d Tovo texmexētan	مَحَلَا هُجَا لَمَعْمَلَا
ufano bērahēmaik xelot ^h an. .	هَجَبَلَا حَسْمَلَا قَلَاكَلِيْ ❖

حلاط ورنجة لا وبعلا مسعلا وحبلا مبعلا هه ونبلا لا ونبلا مهحلا - يه مه اوحا حعل.
اه زمكم. عدا ارنه م

تلاک هم دتومک حاتمک

مهللا ووبخې هوب مينا وحبلا ه يحنهالا: ه لعمسلا ه لالهالا: ه ه ونا ه امنا: مهلا و ايا
معلي. هصمنا هراوحا: وخبې هوب مينا مكنهالا هصملا: ه يحنهالا: ه مبحلا. ه حهالا
ه امنا مَع مبعسې هه. ه ايا معلي حلا مبر ❖
ههنا مبعلا ووبخې - مهلا وحبلا.

OS SIRÍACOS-SÉCULO XX

SEVENTY THOUSAND ASSYRIANS

William Saroyan

Let me try again: I hadn't had a haircut in a long time and I was beginning to look seedy, so I went down to the Barber College on Third Street, and I sat in a chair. I said, "Leave it full in the back. I have a narrow head and if you do not leave it full in the back, I will go out of this place looking like a horse. Take as much as you like off the top. No lotion, no water, comb it dry."

Reading makes a full man, writing a precise one, as you see. This is what happened. It doesn't make much of a story, and the reason is that I have left out the barber, the young man who gave me the haircut. He was tall, he had a dark serious face, thick lips, on the verge of smiling but melancholy, thick lashes, sad eyes, a large nose. I saw his name on the card that was pasted on the mirror, Theodore Badal. A good name, genuine, a good young man, genuine. Theodore Badal began to work on my head.

A good barber never speaks until he has been spoken to, no matter how full his heart may be.

"That name," I said, "Badal. Are you an Armenian?"

I am an Armenian. I have mentioned this before. People look at me and begin to wonder, so I come right out and tell them. "I am an Armenian," I say. Or they read something I have written and begin to wonder, so I let them know. "I am an Armenian," I say. It is a meaningless remark, but they expect me to say it, so I do. I have no idea what it is like to be an Armenian or what it is like to be an Englishman or a Japanese or anything else. I have a faint idea what it is like to be alive. This is the only thing that interests me greatly. This and tennis. I hope some day to write a great philosophical work on tennis, something on the order of *Death in the Afternoon*, but I am aware that I am not yet ready to undertake such a work. I feel that the cultivation of tennis on a large scale among the peoples of the earth will do much to annihilate racial differences, prejudices, hatred, etc. Just as soon as I have perfected my drive and my lob, I hope to begin my outline of this great work...

"Are you an Armenian?" I asked.

We are a small people and whenever one of us meets another, it is an event. We are always looking around for someone to talk to in our language. Our most ambitious political party estimates that there are nearly two million of us living on the earth, but most of us don't think so. Most of us sit down and take a pencil and a piece of paper and we take one section of the world at a time and imagine how many Armenians at the most are likely to be living in that section and we put the highest number on the paper, and then we go on to another section, India, Russia, Soviet Armenia, Egypt, Italy, Germany, France, America, South America, Australia, and so on, and after we add up our most hopeful figures the total comes to something a little less than a million. Then we start to think how big our families are, how high our birthrate and how low our deathrate (except in times of war when massacres increase the death-rate), and we begin to imagine how rapidly we will increase if we are left alone a quarter of a century, and we feel pretty happy. We always leave out earthquakes, wars, massacres, famines, etc., and it is a mistake. I remember the Near East Relief drives in my home town.

My uncle used to be our orator and he used to make a whole auditorium full of Armenians weep. He was an attorney and he was a great orator. Well, at first the trouble was war. Our people were being destroyed by the enemy. Those who hadn't been killed were homeless and they were starving, *our own flesh and blood*, my uncle said, and we all wept.

And we gathered money and sent it to our people in the old country.

Then after the war, when I was a bigger boy, we had another Near East Relief drive and my uncle stood on the stage of the Civic Auditorium of my home town and he said, "Thank God this time it is not the enemy, but an earthquake. God has made us suffer. We have worshipped Him through trial and tribulation, through suffering and disease and torture and horror and (my uncle began to weep, began to sob) through the madness of despair, and now he has done this thing, and still we praise Him, still we worship Him. We do not understand the ways of God."

And after the drive I went to my uncle and I said, "Did you mean what you said about God?" And he said, "That was oratory. We've got to raise money. What God? It is nonsense." "And when you cried?" I asked, and

my uncle said, "That was real. I could not help it. I had to cry. Why, for God's sake, why must we go through all this God damn hell? What have we done to deserve all this torture? Man won't let us alone. God won't let us alone. Have we done something? Aren't we supposed to be pious people? What is our sin? I am disgusted with God. I am sick of man. The only reason I am willing to get up and talk is that I don't dare keep my mouth shut. I can't bear the thought of more of our people dying. Jesus Christ, have we done something?"

I asked Theodore Badal if he was an Armenian.

He said, "I am an Assyrian."

Well, it was something. They, the Assyrians, came from our part of the world, they had noses like our noses, eyes like our eyes, hearts like our hearts. They had a different language. When they spoke we couldn't understand them, but they were a lot like us. It wasn't quite as pleasing as it would have been if Badal had been na Armenian, but it was something.

"I am an Armenian," I said. "I used to know some Assyrian boys in my home town, Joseph Sargis, Nito Elia, Tony Saleh. Do you know any of them?"

"Joseph Sargis, I know him," said Badal. "The others I do not know. We lived in New York until five years ago, then we came out west to Turlock. Then we moved up to San Francisco."

"Nito Elia," I said, "is a Captain in the Salvation Army." (I don't want anyone to imagine that I am making anything up, or that I am trying to be funny.) "Tony Saleh," I said, "was killed eight years ago. He was riding a horse and he was thrown and the horse began to run. Tony couldn't get himself free, he was caught by a leg, and the horse ran around and around for a half hour and then stopped, and when they went up to Tony he was dead. He was fourteen at the time. I used to go to school with him. Tony was a very clever boy, very good at arithmetic."

We began to talk about the Assyrian language and the Armenian language, about the old world, conditions over there, and so on. I was getting a fifteen-cent haircut and I was doing my best to learn something at the same time, to acquire some new truth, some new appreciation of the wonder of life, the dignity of man. (Man has great dignity, do not magine that he has not.)

Badal said, "I cannot read Assyrian. I was born in the old country, but I want to get over it."

He sounded tired, not physically but spiritually.

"Why?" I said. "Why do you want to get over it?"

"Well," he laughed, "simply because everything is washed up over there." I am repeating his words precisely, putting in nothing of my own. "We were a great people once," he went on. "But that was yesterday, the day before yesterday. Now we are a topic in ancient history. We had a great civilization. They're still admiring it. Now I am in America learning how to cut hair. We're washed up as a race, we're through, it's all over, why should I learn to read the language? We have no writers, we have no news well, there is a little news: once in a while the English encourage the Arabs to massacre us, that is all. It's an old story, we know all about it. The news comes over to us through the Associated Press, anyway."

These remarks were very painful to me, an Armenian.

I had always felt badly about my own people being destroyed. I had never heard an Assyrian speaking in English about such things. I felt great love for this Young fellow. Don't get me wrong. There is a tendency these days to think in terms of pansies whenever a man says that he has affection for man. I think now that I have affection for all people, even for the enemies of Armenia, whom I have so tactfully not named. Everyone knows who they are. I have nothing against any of them because I think of them as one man living one life at a time, and I know, I AM positive, that one man at a time is incapable of the monstrosities performed by mobs. My objection is to mobs only.

"Well," I said, "it is much the same with us. We, too, are old. We still have our church. We still have a few writers, Aharonian, Isahakian, a few others, but it is much the same."

"Yes," said the barber, "I know. We went in for the wrong things. We went in for the simple things, peace and quiet and families. We didn't go in for machinery and conquest and militarism. We didn't go in for diplomacy and deceit and the invention of machine-guns and poison gases. Well, there is no use in being disappointed. We had our day, I suppose."

"We are hopeful," I said. "There is no Armenian living who does not still dream of an independent Armenia."

"Dream?" said Badal. "Well, that is something. Assyrians cannot even dream any more. Why, do you know how many of us are left on earth?"

"Two or three million," I suggested.

"Seventy thousand," said Badal. "That is all. Seventy thousand Assyrians in the world, and the Arabs are still

killing us. They killed seventy of us in a little uprising last month. There was a small paragraph in the paper. Seventy more of us destroyed. We'll be wiped out before long. My brother is married to an American girl and he has a son. There is no more hope. We are trying to forget Assyria. My father still reads a paper that comes from New York, but he is an old man. He will be dead soon."

Then his voice changed, he ceased speaking as an Assyrian and began to speak as a barber: "Have I taken enough off the top?" he asked.

The rest of the story is pointless. I said so *long* to the young Assyrian and left the shop. I walked across town, four miles, to my room on Carl Street. I thought about the whole business: Assyria and this Assyrian, Theodore Badal, learning to be a barber, the sadness of his voice, the hopelessness of his attitude. This was months ago, in August, but ever since I have been thinking about Assyria, and I have been wanting to say something about Theodore Badal, a son of an ancient race, himself youthful and alert, yet hopeless. Seventy thousand Assyrians, a mere seventy thousand of that great people, and all the others quiet in death and all the greatness crumbled and ignored, and a young man in America learning to be a barber, and a Young man lamenting bitterly the course of history.

Why don't I make up plots and write beautiful love stories that can be made into motion pictures? Why don't I let these unimportant and boring matters go hang? Why don't I try to please the American reading public?

Well, I am an Armenian. Michael Arlen is an Armenian, too. He is pleasing the public. I have great admiration for him, and I think he has perfected a very fine style of writing and all that, but I don't want to write about the people he likes to write about. Those people were dead to begin with. You take Iowa and the Japanese boy and Theodore Badal, the Assyrian; well, they may go down physically, like Iowa, to death, or spiritually, like Badal, to death, but they are of the stuff that is eternal in man and it is this stuff that interests me. You don't find them in bright places, making witty remarks about sex and trivial remarks about art. You find them where I found them, and they will be there forever, the race of man, the part of man, of Assyria as much as of England, that cannot be destroyed, the part that massacre does not destroy, the part that earthquake and war and famine and madness and everything else cannot destroy.

This work is in tribute to Iowa, to Japan, to Assyria, to Armenia, to the race of man everywhere, to the dignity of that race, the brotherhood of things alive. I am not expecting Paramount Pictures to film this work. I AM thinking of seventy thousand Assyrians, one at a time, alive, a great race. I am thinking of Theodore Badal, himself seventy thousand Assyrians and seventy million Assyrians, himself Assyria, and man, standing in a barber shop, in San Francisco, in 1933, and being, still, himself, the whole race.

1934